

IDADES DE INÍCIO DE ATLETAS DE FUTSAL DE ALTO RENDIMENTO NA PRÁTICA SISTEMÁTICA E EM COMPETIÇÕES FEDERADAS DA MODALIDADE

Wilton Carlos Santana

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil

Danilo Augusto Ribeiro

Universidade Norte do Paraná, Londrina, Paraná, Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo foi verificar as idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática e em competições federadas da modalidade. A amostra envolveu 97 sujeitos, de 23,93 ($\pm 5,40$) anos, de oito equipes da 8ª Liga Nacional de Futsal. Para a coleta de dados, aplicou-se um formulário. Os resultados indicaram que a maior parte dos atletas se iniciou em idades recomendadas, aos 10,56 ($\pm 3,82$) anos na prática sistemática e aos 12,4 ($\pm 3,55$) anos em competições federadas. Concluiu-se que, embora isso seja positivo, não pode ser considerado intencional, pois grande parte das federações continua a incentivar a participação competitiva precoce, o que poderá aumentar o número de atletas que se iniciará e competirá no futsal em idades não recomendadas.

Palavras-chave: Atletas – Esporte de Competição – Jogos Esportivos

Introdução

A Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) estima que haja 1, 7 milhão de jogadores de futsal registrados no mundo. O Brasil contribui com mais de 310 mil atletas, espalhados pelos 27 estados, em cerca de 4 mil clubes (FIFA FUTSAL WORLD CUP BRAZIL, 2008). Os campeonatos oficiais da Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) acontecem a partir da categoria sub-15, para adolescentes do sexo masculino e feminino. Não obstante, verifica-se que uma parte das federações de futsal investe na promoção dessas disputas desde a categoria sub-07 (SANTANA; REIS; RIBEIRO, 2006). Por consequência, observa-se a formação de grupos minoritários de crianças talentosas, em geral as de maturação precoce, para participar dessas competições, nas quais são escalonadas por idades e perse-

guem títulos de expressão estadual (SOBRAL, 1994).

Para Becker Junior (2008), a introdução de crianças em esportes em que a sociedade atribui elevada importância ao desempenho na competição, como os casos do futsal e do futebol para os sul-americanos, tende a ser problemática. Isso porque, a fim de atender às demandas competitivas, o processo de ensino-treino tende a ser muito especializado. Arena e Böhme (2004) verificaram que parece existir de fato uma relação estreita entre o tipo de competição e o caráter do treinamento, isto é, quanto maior o nível competitivo mais intenso e específico o treino.

Portanto, vê-se a instalação precoce de um processo de especialização esportiva, isto é, antes da puberdade e de um estado de prontidão esportiva, investe-se na excessiva competitividade e na elevada dedicação aos treinamentos especializados (BARBANTI, 2003; PERSONNE, 2005). Na prática, algumas crianças de melhor condição física e motora recebem treinamento específico e participam de competições regulares organizadas pelas federações esportivas (ARENA; BÖHME, 2004).

A fim de compreender a iniciação de crianças nesse esporte, o presente estudo teve o objetivo de verificar as idades de início no futsal e de participação em competições federadas de atletas de alto rendimento. Entende-se que o conhecimento dessas variáveis, na medida em que revela parte da trajetória de jogadores que ascenderam ao âmbito profissional, poderá subsidiar uma profícua discussão entre treinadores de categorias menores. Para tanto, inicialmente serão analisadas algumas possíveis implicações do treinamento especializado prematuro.

Possíveis implicações do treinamento especializado precoce

Alguns estudos constataram que a maior parte das sessões de treino de futsal de iniciantes é destinada à repetição de gestos técnicos, isto é, à especialização técnica precoce (GRECO; GIACOMINI; MOREIRA, 2005; PINTO; SANTANA, 2005; SAAD; REZER, 2005; VOSER, 1999). Santana (2008) alerta que treinadores de futsal que visam, sobretudo, vencer campeonatos, tendem a especializar crianças prematuramente em posições e funções, prejudicando-as quando do acesso às categorias maiores, que exigem versatilidade tática. Desta forma, os sujeitos seriam privados de um treinamento diversificado, o mais indicado para esse ciclo de vida (BOMPA, 2002; GRECO; BEN-

DA, 2001; HAHN, 1988).

Além da especialização gestual e tática prematuras, há indícios de que parte dos pais e treinadores cobra desempenho atlético/resultados das crianças na participação em competições (DE SOUZA; DA SILVA, 2002), ratificando que a participação de jovens sul-americanos em equipes menores de futebol é estressante, pois significa enfrentar exigências de ser titular da equipe, ter que atuar bem durante o período que integram a categoria e ter de vencer o campeonato (BECKER JUNIOR, 2008).

Para Barbanti (2003), a especialização esportiva precoce culmina, quase sempre, com o abandono prematuro da prática esportiva, fenômeno conhecido como burnout ou esgotamento (PIRES; BRANDÃO; MACHADO, 2005). Hallal et al. (2004), por exemplo, verificaram que a intensidade nos treinamentos, a pressão dos pais para obter bons resultados e a cobrança excessiva do técnico, entre outros fatores, constituem-se em possíveis motivos intervenientes no abandono do futsal entre adolescentes.

Se, por um lado, o treinamento especializado precoce permite bons resultados na infância e adolescência (ARENA; BÖHME, 2000), por outro lado reduziria as chances de se alcançar resultados na maturidade. Marques (1991) reporta que jovens submetidos àquele tendem a não atingir, no alto rendimento, o desempenho prognosticado; que o tempo de atividade esportiva nesse âmbito se torna menor e que muitos, em função das exigências, sequer chegam a essa fase. Brito, Fonseca e Rolim (2004) constataram que apenas um reduzido número de jovens atletas dos escalões de formação (sub-13, 15 e 17) conseguiu prolongar a sua carreira esportiva até o escalão sênior com uma presença assídua entre as cinco melhores dos rankings e também que, quanto mais baixo é o escalão considerado, menor é o número de atletas que confirma, no escalão sênior, o êxito obtido no escalão de formação.

Por conseguinte, no que pese a crença de alguns treinadores de jovens de que somente o treinamento especializado precoce forjaria, no futuro, atletas de alto rendimento (FREIRE, 2002; WEIN, 2004), a confirmação disso é duvidosa. O que se sabe é que o desempenho esportivo elevado exige do praticante inter-relacionar, em situação de competição, fatores físicos, técnicos, táticos e psicológicos, o que se entende por capacidade de jogo (GRECO, 1998; KONZAG, DÖBLER; HERZOG, 2003). Esta se assentaria sobre uma base diversifi-

cada de experiências, oportuna para provocar uma abertura de possibilidades cognitivo-motoras, e ampliar as chances de o esportista praticar com autonomia, quando da especialização esportiva, a partir dos 14-15 anos, o esporte de sua preferência (BOMPA, 2002; GRECO; BENDA, 2001; RÉ; BARBANTI, 2006). Segundo essa linha de raciocínio, o treinamento especializado precoce prejudicaria o rendimento futuro do esportista.

Metodologia

Técnica de pesquisa

Utilizou-se a técnica de pesquisa de observação direta extensiva, mediante a aplicação de um formulário composto por cinco questões. Esta técnica se constitui num dos instrumentos essenciais para a investigação social, cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado. Exige-se, portanto, que o participante responda às questões na presença do pesquisador (face a face) (MARCONI; LAKATOS, 2003). O Quadro 1 contempla as questões respondidas pelos sujeitos.

Qual é a sua data de nascimento?
Você se dedica exclusivamente ao futsal como atividade profissional?
Você é remunerado para jogar futsal?
Com que idade você se iniciou na prática sistemática do futsal, isto é, orientada por um treinador, que exigia treinos semanais e que se competia regularmente?
Com que idade você começou a competir no âmbito federado?

Quadro 1 - Questões respondidas pelos atletas de futsal de alto rendimento

Caracterização da amostra

O formulário foi aplicado a 97 atletas, com média de idade de $23,93 \pm 5,40$ anos, de oito equipes da Liga Futsal 2003: Joinville (SC), Banespa (SP), Carlos Barbosa e Internacional (RS), Rio Verde (GO), Minas Tênis Clube (MG), Amafusa e Londrina (PR). O número de equipes correspondeu a 47,05% do total. Os sujeitos declararam dedicar-se exclusivamente ao futsal como atividade profissional remunerada.

Coleta de dados e tratamento estatístico

A coleta de dados ocorreu durante a 1ª fase da Liga Futsal 2003. O formulário foi aplicado nos alojamentos dos sujeitos. Os pesquisadores muniram-se de pranchetas e canetas para anotar as respostas. Apresentou-se, em duas vias, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que uma das vias ficou com o entrevistado. Utilizou-se como tratamento estatístico a contagem, a estatística descritiva percentual, média e desvio padrão. Para a interpretação dos dados, considerou-se a padronização adotada pela CBFS, que no ano de 2004 determinou a seguinte divisão etária por categorias: sub-07, sub-09, sub-11, sub-13, sub-15, sub-17, sub-20 e principal.

Resultados e discussão

Na Tabela 1 são apresentados os resultados da amostra estudada, considerando o início dos sujeitos na prática sistemática do futsal.

Tabela 1 - Classificação dos sujeitos em relação: tempo médio de prática sistemática, idade média de início, número de indivíduos, frequência relativa, faixa etária

Tempo médio de prática do futsal	Idade média do início no futsal	S	%	Faixa etária
13,37±5,50	10,56±3,82	25	25,77	05 aos 07 anos (G1)
		18	18,55	08 aos 09 anos (G2)
		54	55,67	A partir dos 10 anos (G3)
Total		97	100%	

O tempo médio de prática sistemática corrobora com os valores médios preconizados quando de um processo de preparação sistemático e em longo prazo para os esportes coletivos, próximo de 10-12 anos (BARBANTI, 2005; COELHO, 2000).

Verifica-se, por um lado, o fato positivo de uma maior concentração de jogadores (G3) ter se iniciado em idade recomendada para o treinamento de um único tipo de esporte (BOMPA, 2002; GRECO; BENDA, 2001; HAHN, 1988; SILVA; FERNANDES; CELANI, 2001). Este dado confirma o estudo de Santana, Reis e Ribeiro (2006), que diagnosticaram, entre jogadores com participação na seleção brasileira de futsal, um percentual de 62,97% que se iniciaram no treinamento da modalidade a partir dos 10 anos de idade. Significa dizer

que se iniciar nessa fase não impediu a amostra de ascender ao alto rendimento, o que deveria, minimamente, abrir discussões entre treinadores, pais e dirigentes, os quais, em alguns casos, alimentam o mito de que “apenas o início precoce no futsal garantirá um futuro promissor às crianças”. Na prática, isso não é verdadeiro.

Sabe-se que crianças a partir dos 10 anos se encontrariam na melhor fase para aprender movimentos e teriam maior capacidade de concentração (MEINEL; SCHNABEL, 2004; HANN, 1988); é o período em que as habilidades motoras poderiam ser aplicadas num contexto mais definido (GALLAHUE, 1996); é quando a cooperação se encontraria crescente (PIAGET, 1994), facilitando as trocas sociais, elementares quando se trata de jogar coletivamente; caminhar-se-ia para o pensamento abstrato (PIAGET, 1998), essencial para o aprendizado tático. Além disso, desde que as experiências anteriores sejam suficientes, seria aberta a possibilidade de o nível de jogo libertar-se da sua fase anárquica, pautada na aglomeração dos jogadores em torno da bola, penetrando o nível descentrado, quando os jogadores ocupam o espaço de forma mais racional (GARGANTA, 1998). Igualmente, dependendo da história de vida dos sujeitos, as habilidades básicas se encontrariam afirmadas (FREIRE, 2003), podendo-se partir para um refinamento e especialização das suas diferentes combinações (FERRAZ, 2002; RÉ; BARBANTI, 2006).

Por outro lado, nota-se uma procura cada vez mais precoce pelo treinamento do futsal (G2 e, sobretudo, G1), corroborando com o estudo de Santana, França e Reis (2007), que constataram, entre jogadores juvenis paranaenses, uma concentração de 51% que se iniciaram entre os 5 e os 9 anos. Embora sejam vários os motivos da prática esportiva entre crianças, como por exemplo, o desejo de se tornar um herói ou ídolo, razões educacionais, de saúde, ascensão social, para atender a vontade dos pais (MARQUES; KURODA, 2000), alcançar o status de jogador profissional (VITÓRIO; THIENGO; DE OLIVEIRA, 2005), esse achado deveria servir de alerta a pais, treinadores e dirigentes, pois, se o treinamento inicial não for bem realizado (ver subitem “Possíveis implicações do treinamento especializado precoce”), pode ser desencadeado, com o tempo, certo esgotamento, e até mesmo o abandono esportivo precoce.

A Tabela 2 apresenta os resultados da amostra estudada, considerando o início da participação em competições federadas.

Tabela 2 - Classificação dos sujeitos em relação: idade média de início nas competições federadas, número de sujeitos, frequência relativa, faixa etária

Idade média de início nas competições	S	%	Faixa etária
12,4±3,55	28	28,86	5 aos 9 anos (G1)
	15	15,46	10 aos 11 anos (G2)
	54	55,67	A partir dos 12 anos (G3)
Total	97	100%	

A idade média de início dos sujeitos em competições federadas atende o especificado em parte da literatura (DE ROSE JUNIOR, 2002; FERRAZ, 2002; WEIN, 2001). Verifica-se o fato positivo de a maior parte dos jogadores (G3) ter se iniciado em competições federadas numa idade adequada. Nessa fase haveria um equilíbrio entre os recursos do praticante (componentes motores, fisiológicos, psicológicos e sociais) e a demanda da tarefa, isto é, um estado de prontidão esportiva. Tal achado deveria impactar o entorno esportivo, em particular os pais, dirigentes e treinadores que insistem em introduzir crianças entre os 5 e os 9 anos de idade no exigente âmbito das competições federadas, cobrando-lhes resultados imediatos (DE SOUZA; DA SILVA, 2002). Na prática, 71, 13% dos atletas de alto rendimento não passaram por isso. Logo, haveria outro modo de se tratar a competição entre crianças.

Considerando-se a média de idade dos atletas (próxima aos 24 anos de idade), o tempo médio de prática sistemática (por volta de 13 anos) e a idade média de início em competições federadas (próxima aos 12 anos de idade), constata-se o fator significativo de os sujeitos, mesmo ainda muito jovens e tendo se iniciado em idade recomendada, terem o tempo médio de 12 anos de experiência em competições desse porte. Em suma, os atletas foram privados de um treinamento especializado precoce (BARBANTI, 2003) e, nem por isso, foram fragilizados em relação à experiência competitiva.

Por outro lado, no caso dos jogadores que competiram formalmente antes dos 12 anos (G2 e, sobretudo, G3), verifica-se um desrespeito àquele estado de prontidão esportiva (DE ROSE JUNIOR, 2002; SOBRAL, 1994). Essa constatação é tanto mais procedente quanto mais nova a criança. O que parece contribuir para essa inserção precoce em competições exigentes, como as federadas (ARENA; BÖHME, 2000), é o fato de os adultos em geral compreenderem pouco sobre o nível de

desenvolvimento infantil, reforçando uma tendência social contemporânea para que se alcance um alto desempenho cada vez mais cedo (TANI, 2000).

Embora 44, 32% dos atletas tenham se iniciado em competições federadas antes de uma idade recomendada e pertençam ao esporte de alto rendimento, isso deveria preocupar pais, treinadores e dirigentes, pois entre os possíveis efeitos indesejados da competição exacerbada encontra-se o estresse competitivo (PERSONNE, 2005), que se origina em função de o sujeito sentir-se ameaçado frente às exigências da tarefa a ser realizada (DE ROSE JUNIOR; DESCHAMPS; KORSASKAS, 1999). Portanto, o estresse não estaria relacionado ao tipo de competição (se federada ou não-federada), mas sim à competência de quem joga para atender às demandas do ambiente (RÉ; DE ROSE JUNIOR; BÖHME, 2004). Significa dizer que pode haver crianças que deem conta de atender às exigências técnico-táticas (gestual-cognitivas) do jogo de futsal. Porém, há outras demandas ambientais, como, por exemplo, as emocionais, que têm como fontes o treinador e a família (BECKER JUNIOR, 2008), para as quais as crianças não estejam preparadas. Para este autor, as crianças reagem diferentemente na percepção das competições nas quais se envolvem. As que reagem com alta intensidade parecem ser especialmente sensíveis ao medo de falhar nas ações esportivas. As mais ansiosas tendem a se preocupar com a avaliação de pessoas significativas para elas, como treinadores, pais e colegas.

De Oliveira (1993) refere que crianças submetidas ao longo de temporadas à excessiva competitividade podem, em função das críticas e cobranças exageradas, sentirem-se abaladas emocionalmente, inseguras e com medo de errar. Filgueira e Schwartz (2007) constataram, entre crianças futebolistas de 11 e 12 anos, que a maior parte se “sente mal” e “triste” quando é criticada pela torcida familiar em seus jogos, presenciados, sobretudo, pelo pai. Também que, em alguns casos, sequer gostam que a torcida os assista, pois ficam “gritando” e “falando muito”. Knijnik, Greguol e Santos (2001) apontam que a ênfase exagerada na vitória e o excesso de pressões por parte dos pais e dos técnicos constituem-se fatores alegados por crianças para o abandono da prática esportiva, fruto do esgotamento (PIRES; BRANDÃO; MACHADO, 2005).

Em virtude do exposto, nos parece plausível que a maioria das crianças apresente dificuldade em administrar a pressão emocional exer-

cida por parte da torcida familiar, sobretudo quando se trata de competições federadas, nas quais, segundo Santana, Reis e Ribeiro (2006), o clima de disputa tende a ser mais acirrado e, em alguns casos, hostil, pois o resultado do jogo implica, quase sempre, na classificação ou desclassificação da equipe para fases futuras da competição.

Outro agravante da competição federada para crianças reside em sua baixa participação nos jogos. Parte dos técnicos, a fim de dar conta de todas as expectativas geradas em torno desse tipo de competição, poderá preterir alguns sujeitos e privá-los da participação nos jogos, geralmente os de maturação tardia (BARBANTI, 2005; RÉ; BARBANTI, 2006). Neste caso, o esporte infantil, que deveria se constituir num facilitador educacional (BENTO, 2004; PAES, 2002; SANTANA, 2005; SANTANA; REIS, 2006), fomentando competições educativas no lugar de estressantes (DE ROSE JR, 2002), dissemina a seletividade e a ideologia da vitória a qualquer custo (FREIRE, 1989; 2002).

Por outro lado, parece razoável que as competições não-federadas, como festivais e torneios de curta duração, por serem mais dadas à cooperação e exigirem menos recursos financeiros das equipes, possibilitariam a participação de mais crianças (ARENA; BÖHME, 2004). Como decorrência, vê-se aumentada a chance dos técnicos assegurarem a participação de todas e de ofertá-las uma mesma premiação (MESQUITA, 1998). Neste caso, por participação e não por desempenho (KORSAKAS et al., 2006). Isso atenderia as recomendações de que, nessa fase, as competições deveriam ser informais e com os objetivos de atingir diversão (BOMPA, 2002), aprovação social (WEIN, 2004) e demandas educacionais (SCAGLIA, MONTAGNER; SOUZA, 2001).

A promoção de competições federadas para crianças, em muitos casos, implica em seguir modelos de competições da categoria principal (de adultos), pois em geral não há uma preocupação das federações em adaptar regulamentos para aquelas (ARENA; BÖHME, 2004; SANTANA, 2008). Logo, sinaliza para o fato de que os responsáveis pela organização e a manutenção desses tipos de evento não se preocupam com quem joga, isto é, não há a preocupação em proporcionar um ambiente favorável ao desenvolvimento da criança (prazeroso, participativo, cooperativo e livre de tensões), mas apenas em promover eventos.

Scalon (2004) verificou que entre crianças na faixa etária de 10 aos

12 anos, de ambos os sexos, praticantes de diferentes modalidades esportivas, a saúde e o divertimento são fatores mais significativos de aderência ao esporte que a autorrealização (“competir para vencer”). Por conseguinte, no lugar de gerar tantas expectativas sobre os resultados, competir deveria oportunizar aos iniciantes fazer amizades e desenvolver autoestima (DE ROSE JUNIOR, 2002), proporcionar o prazer de jogar e aprender a lidar com vitórias e derrotas (SANTANA, 2001) e aplicar as habilidades que aprendem nos treinamentos (BOMPA, 2002), em particular quando se sabe que os resultados expressivos alcançados em idades precoces não se mantêm em fases superiores (BRITO; FONSECA; ROLIM, 2004) e que a cobrança prematura por resultados tem contribuído para o abandono do futsal entre adolescentes (HALLAL et al., 2004).

Conclusão

Considerando os resultados deste estudo, conclui-se que a maioria dos atletas de futsal de alto rendimento se iniciou na prática sistemática e em competições federadas da modalidade em idades recomendadas pela literatura esportiva. Embora isso seja positivo, não pode ser considerado efeito de uma medida intencional das federações que gerem a modalidade, pois grande parte continua a incentivar a participação competitiva precoce, o que poderá aumentar o número de atletas que se iniciará e competirá no futsal em idades não recomendadas.

Os dados do presente estudo também podem contribuir para confrontar o mito sustentado por parte dos pais de crianças praticantes dessa modalidade e dos treinadores de categorias menores, de que apenas o início precoce no treino e em competições muito exigentes pode preparar suficientemente bem os iniciantes e lhes garantir o acesso ao alto rendimento. Na prática, constatou-se que a maior parte dos atletas investigados não participou das primeiras categorias (sub-07 e sub-09) e não competiu em âmbito federado antes dos 12 anos de idade.

Sugere-se que outras pesquisas sejam realizadas para melhor compreensão acerca do processo de iniciação ao futsal de atletas de alto rendimento, em particular uma que investigue o caráter do treinamento ao qual foram submetidos naquela fase.

The start up age of high level futsal athletes on systematic practice and federated competitions of modality

Abstract

This study had the purpose to verify the start up age of high-performance futsal athletes on the systematical practice and federate competitions of the modality. The sample involved 97 subjects in the mean age at 23.93 (± 5.40) years old belonging to eight teams of the 8th Edition of Futsal National League. The data collection was developed through a questionnaire. The results of the study indicated that most of the athletes had started up on recommended ages at 10.56 (± 3.82) years old in the systematical practice and at 12.4 (± 3.55) years old in federate competitions. The results suggested that although this case be positive it might not be considered intentional, and most of the federations keep on to incentive the early initiation in sport, that could increase the number of athletes that will start up in the modality and will compete in not recommended ages.

Keywords: Athletes – Competition Sport – Sport Games

Edad de principio de atletas de futsal da alto rendimento en la práctica sistemática y en competiciones federadas de la modalidad

Resumen

El objetivo de este estudio fue verificar la edad de inicio de los jugadores de fútbol de alto rendimiento en la práctica sistemática y el modo de competiciones federadas. La muestra de 97 atletas de 23,93 ($\pm 5,40$) años, ocho equipos de la 8ª Liga Nacional del Fútbol Sala. Para recopilar los datos, se aplicó un formulario. Los resultados indicaron que la mayoría de los atletas comenzó en las edades recomendadas, de 10,56 ($\pm 3,82$) años en la práctica sistemática y 12,4 ($\pm 3,55$) años en campañas federales. Se concluyó que, si bien esto es positivo, no puede ser considerada intencional, ya que la mayoría de las asociaciones de seguir alentando la participación competitiva temprana, lo que podría aumentar el número de atletas que participan y compiten en fútbol sala en las edades no es recomendable.

Palabras clave: Atletas - Competición Deportiva - Juegos de Deportes

Referências

ARENA, S.; BOHME, M. T. Programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 184-95, jul./dez., 2000.

_____. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 45-50, dez., 2004.

BARBANTI, V. J. **Dicionário de Educação Física e esporte**. São Paulo: Manole, 2003.

_____. **Formação de sportistas**. São Paulo: Manole, 2005.

BECKER JUNIOR, B. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

BENTO, J. O. Pelas nossas crianças. In: BENTO J. O. **Desporto: discurso e substância**. Porto: Campo das Letras, 2004. p. 103-111.

BOMPA, T. **Treinamento total para jovens campeões**. São Paulo: Manole, 2002.

BRITO, N.; FONSECA, A.; ROLIM, R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 4, n. 1, p. 17-28, 2004.

COELHO, O. Pode a passada ser maior que a perna? In: GARGANTA, J. **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: FCDEF-UP, 2000. p. 145-154.

DE OLIVEIRA, A. R. Aspectos psicossociais da criança atleta nos Estados Unidos. **Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina**, Londrina, v. 8, n.15, p. 20-25, 1993.

DE ROSE JUNIOR, D. A criança, o jovem e a competição. In: DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 67-76.

DE ROSE JUNIOR, D.; DESCHAMPS, S.; KORSKAS, P. Situações causadoras de “stress” no basquetebol de alto rendimento: fatores competitivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 217-229, jul./dez., 1999.

DE SOUZA, S. R.; DA SILVA, M. K. P. V. F. P. A participação dos pais em eventos competitivos infantis: algumas orientações. **Pediatria Moderna**, Brasil, v. 28, n. 6, p. 290-293, 2002.

FERRAZ, O. O esporte, a criança e o adolescente. In: DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**:

uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 25-38.

FIFA FUTSAL WORLD CUP BRAZIL. **O futsal está por toda parte.** Rio de Janeiro, 2008, p. 67-68.

FILGUEIRA, F.; SCHWARTZ, G. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n.2, p. 245-253, 2007.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 1989.

_____. Questões psicológicas do esporte. In: MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. **Esporte como fator de qualidade de vida.** Piracicaba: Editora Unimep, 2002. p. 363-377.

_____. **Pedagogia do futebol.** Campinas, Autores Associados, 2003.

GALLAHUE, D. **Developmental physical education for today's children.** Dubuque: Brown&Benchmark, 1996.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos.** 3. ed. Porto: FCDEF-UP, 1998. p. 11-25.

GRECO, P. Da capacidade de jogo ao treinamento tático: a capacidade de jogo. In: GRECO, P. **Iniciação esportiva universal 2:** metodologia da iniciação na escola e no clube. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 57-75.

GRECO, P.; BENDA, R. O sistema de formação e treinamento esportivo. In: GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal 1:** da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 27-76.

GRECO, P.; GIACOMINI, D.; MOREIRA, V. Estruturação dos treinos segundo o processo metodológico de ensino-aprendizagem-treinamento nas categorias de base do futsal. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, edição especial, n. 2, p. 457-465, 2005.

HAHN, E. **Entrenamiento con niños:** teoría, práctica, problemas es-

pecíficos. Barcelona: Martínez Roca, 1988.

HALLAL, P. C. et al. Fatores intervenientes associados ao abandono do futsal em adolescentes. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 27-32, set., 2004.

KNIJNIK, J.; GREGUOL, M.; SANTOS, S. Motivação no esporte infanto-juvenil: uma discussão sobre razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. **Revista do Instituto de Ciências da Saúde**, São Paulo, v. 19, n. 1, p.7-13, 2001.

KONZAG, I.; DÖBLER, H.; HERZOG, H.D. **Entrenarse jugando**: un sistema completo de ejercicios. 4. ed. Barcelona: Paidotribo, 2003.

KORSAKAS, P. et al. Programas de formação nas modalidades esportivas coletivas. In: DE ROSE JUNIOR, D. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 194-213.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, A. **A especialização precoce na preparação desportiva**. Treinamento desportivo, Lisboa, v. 2, p. 9-15, 1991.

MARQUES, J.; KURODA, S. Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e formação de crianças e jovens. In: RÚBIO, K. **Psicologia do esporte**: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 125-137.

MEINEL, K.; SCHNABEL, G. **Teoría del movimiento**: motricidad deportiva. Buenos Aires: Stadium, 2004.

MESQUITA, I. **Pedagogia do treino**: a formação em jogos desportivos colectivos. Lisboa: Livros Horizontes, 1998.

PAES, R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PERSONNE, J. **El deporte para el niño**: sin records ni medallas. Barcelona: INDE, 2005.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Seis estudos de psicologia**. 23. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PINTO, F. S.; SANTANA, W. C. de. Iniciação ao futsal: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar? **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n. 85, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd85/futsal.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

PIRES, D. A.; BRANDÃO, M. R.; MACHADO, A. A. A síndrome do burnout esportivo. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 147-153, set./dez. 2005.

RÉ, A. N.; DE ROSE JUNIOR, D.; BOHME, M. T. Stress e nível competitivo: considerações sobre jovens praticantes de futsal. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 83-87, dez., 2004.

RÉ, A. N.; BARBANTI, V. J. Uma visão macroscópica da influência das capacidades motoras no desempenho esportivo. In: RIGOLIN, L.. **Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2006. p. 219-240.

SAAD, M. A.; REZER, R.. **Futebol e futsal: possibilidades e limitações da prática pedagógica em escolinhas**. Chapecó: Argos, 2005.

SANTANA, W. C. de. **Futsal: metodologia da participação**. 2. ed. Londrina: Lido, 2001.

_____. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R.; BALBINO, H. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2005. p. 1-23.

_____. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SANTANA, W. C. de; REIS, H. H. B.; RIBEIRO, D. A. A iniciação de jogadores de futsal com participação na seleção brasileira. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 11, n. 96, maio 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd96/futsal.htm>>. Acesso em: 18 jun.

2009.

SANTANA, W. C.; FRANÇA, V. S.; REIS, H. H. B. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis paranaenses. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 3 p. 181-187, jul./set. 2007.

SANTANA, W.; REIS, H. A pedagogia do esporte e o desafio de educar para a autonomia. In: MOREIRA, E. C. **Educação Física escolar: desafios e propostas 2**. Jundiaí/SP: Fontoura, 2006. p. 133-152.

SCAGLIA, A.; MONTAGNER, P. C.; SOUZA, A. Pedagogia da competição em esportes: da teoria à busca de uma proposta prática escolar. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 20-30, 2001.

SCALON, R. Os motivos da aderência da criança ao esporte. In: SCALON, R. M. **A psicologia do esporte e a criança**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 49-78.

SILVA, F.; FERNANDES, L.; CELANI, F. Desporto de crianças e jovens: um estudo sobre as idades de iniciação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 2, p. 45-55, 2001.

SOBRAL, F. O estado de prontidão esportiva. In: SOBRAL, F. **Desporto infanto-juvenil: prontidão e talento**. Lisboa: Livros Horizontes, 1994. p. 21-32.

TANI, G. Iniciação esportiva e influências do esporte moderno. In: SILVA, F. M. **Treinamento desportivo: aplicações e implicações**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000. p. 143-151.

VITÓRIO, R.; THIENGO, C.; DE OLIVEIRA, F. Fatores que atraem e afastam crianças de 6 a 10 anos das escolas comerciais de futebol e futsal nas cidades de Bauru e Agudos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2005, São Paulo. **Anais...** Brasília: Edição Especial da RBCM, 2005, v. 13, p. 217.

VOSER, R. C. **Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao futsal**. Pelotas: R. C. Voser, 1999.

WEIN, H. **Fútbol a la medida del niño: desarrollar la inteligencia de juego para jugadores hasta diez años**. Madrid, Gymnos, 2004.

_____. ¿Cuándo el niño está listo para disputar competencias organizadas? **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 6, n. 32, mar. 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd32/compet.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

Recebido em: 01/09/2009

Revisado em: 13/11/2009

Aprovado em: 05/02/2010

Endereço para correspondência

wilton@pedagogiadofutsal.com.br

Wilton Carlos Santana

Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Física e Desportos.

Rodovia Celso Garca Cid, km 380

Campus Universitário

86055-900 - Londrina, PR - Brasil